

Avaliação dos estudantes dos 9º anos: Facilidades e desafios

Érika dos Santos Pereira

Mestre em Ciências da Educação

Instituição: Universidad Columbia del Paraguay

E-mail: espereira1337@gmail.com

RESUMO

O presente artigo aborda a avaliação dos estudantes dos 9º anos do Ensino Fundamental, destacando as principais facilidades e desafios enfrentados por educadores e alunos no contexto contemporâneo. A avaliação é compreendida como um instrumento pedagógico essencial para o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, especialmente em uma etapa marcada por mudanças cognitivas, emocionais e sociais significativas. O estudo tem como objetivo analisar criticamente as práticas avaliativas aplicadas a essa etapa escolar, considerando os fatores que favorecem ou dificultam o desenvolvimento de avaliações significativas, justas e eficazes. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, com base na análise de autores contemporâneos que discutem a avaliação escolar, os impactos da pandemia no rendimento dos alunos e a implementação da Base Nacional Comum Curricular. O levantamento teórico foi realizado em bases acadêmicas reconhecidas, buscando publicações atualizadas e relevantes para o campo da Educação. Os resultados apontam que, embora existam avanços em termos de autonomia estudantil, domínio tecnológico e argumentação crítica, ainda persistem obstáculos importantes, como defasagem de aprendizagem, desigualdades sociais, resistência às práticas avaliativas tradicionais e insegurança quanto à aplicação dos critérios de avaliação por parte dos professores. A discussão evidencia a necessidade de práticas avaliativas mais flexíveis, diversificadas, formativas e alinhadas ao desenvolvimento integral dos estudantes, considerando seus contextos e singularidades. Conclui-se que a avaliação no 9º ano deve assumir uma perspectiva mais humanizada e processual, que promova o engajamento dos alunos, valorize seus percursos de aprendizagem e contribua para a construção de trajetórias escolares exitosas, preparatórias para o Ensino Médio. A ressignificação da avaliação, nesse contexto, torna-se essencial para a garantia do direito à educação de qualidade e para o fortalecimento da função social da escola.

Palavras-chave: Avaliação Escolar. Ensino Fundamental. Dificuldades de Aprendizagem. Práticas Pedagógicas. Processo Avaliativo.

1 INTRODUÇÃO

A educação configura-se como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento integral do ser humano, permitindo não apenas sua realização pessoal e profissional, mas também o exercício pleno da cidadania. Trata-se de um processo contínuo e dinâmico que amplia a compreensão de mundo, fomenta a criticidade e contribui para a transformação social. Nesse sentido, a aprendizagem escolar deve ser vista como um direito de todos os estudantes e um dever coletivo que envolve a escola, os professores, a família e toda a comunidade. A escola, enquanto espaço privilegiado de trocas, interações e produção de saberes, tem papel essencial na formação de sujeitos autônomos e participativos.

Contudo, desde sua institucionalização, a escola enfrenta inúmeros desafios no cumprimento de sua função social, sendo a dificuldade de aprendizagem (DA) um dos mais persistentes. Essa dificuldade pode se manifestar de diferentes formas e em diferentes momentos da trajetória escolar, exigindo atenção especial por parte dos educadores. As respostas diversificadas dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem revelam a necessidade de se repensar as práticas pedagógicas, os métodos utilizados em sala de aula e, sobretudo, os instrumentos de avaliação. A avaliação, por sua vez, deve ser compreendida como um elemento formativo, reflexivo e diagnóstico que contribui para o aperfeiçoamento do ensino e para a identificação das potencialidades e limitações de cada aluno.

Nesse contexto, é imprescindível destacar que a avaliação não deve restringir-se à verificação de conteúdos, mas deve orientar o percurso educativo, respeitando o ritmo, os estilos de aprendizagem e as condições socioculturais dos estudantes. O professor, como mediador desse processo, precisa estar atento às múltiplas dimensões que envolvem o aprender, adotando estratégias que favoreçam a construção do conhecimento de forma significativa. É através da avaliação formativa que se torna possível identificar as reais dificuldades dos estudantes, planejar intervenções pedagógicas eficazes e promover o desenvolvimento integral de todos.

A pandemia da COVID-19 evidenciou, ainda mais, as fragilidades do sistema educacional, especialmente no que diz respeito às desigualdades no acesso ao ensino e às dificuldades enfrentadas por grande parte dos alunos no processo de aprendizagem. O ensino remoto emergencial expôs a necessidade urgente de inovação e adaptação por parte dos professores, que passaram a buscar novas formas de interagir com seus alunos e avaliar suas aprendizagens de maneira mais flexível e inclusiva. Muitos estudantes, especialmente os que já apresentavam dificuldades antes da pandemia, foram ainda mais prejudicados pela ausência do contato presencial, pela escassez de recursos tecnológicos e pela falta de apoio familiar.

Nesse cenário, o retorno às aulas presenciais exigiu uma reconfiguração do ambiente escolar, bem como das práticas pedagógicas e avaliativas. Tornou-se fundamental não apenas retomar os conteúdos interrompidos, mas sobretudo criar condições para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, educacionais e socioemocionais dos alunos. Mais do que recuperar o tempo perdido, é necessário potencializar a aprendizagem, oferecendo suporte individualizado e promovendo a equidade no processo educativo. Assim, a avaliação assume um papel ainda mais relevante, pois permite acompanhar o progresso dos estudantes, reorientar as práticas pedagógicas e assegurar que todos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Desse modo, este estudo propõe-se a refletir sobre os desafios impostos pelas dificuldades de aprendizagem no contexto escolar e a importância de uma avaliação formativa e inovadora como ferramenta de superação dessas barreiras. Busca-se compreender como as práticas avaliativas podem ser ressignificadas diante das transformações provocadas pela pandemia e como os professores podem agir de maneira mais

consciente e estratégica para garantir uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva a todos os estudantes.

2 METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem teórica e fundamentação metodológica baseada em levantamento bibliográfico. A pesquisa bibliográfica tem como principal objetivo a análise e discussão de produções científicas já existentes sobre o tema proposto, permitindo um aprofundamento crítico e reflexivo a partir das contribuições de autores que abordam a educação, as dificuldades de aprendizagem e os processos avaliativos no contexto escolar. Trata-se, portanto, de um estudo que se apoia em fontes secundárias, como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais, os quais foram selecionados por sua relevância e atualidade.

A escolha por uma abordagem qualitativa se justifica pela complexidade do fenômeno investigado, que envolve dimensões pedagógicas, cognitivas e socioemocionais da aprendizagem escolar. A pesquisa qualitativa valoriza a compreensão dos significados, das experiências e das práticas educativas, permitindo uma análise mais sensível e contextualizada da realidade escolar e dos desafios enfrentados no processo de avaliação. Assim, ao invés de buscar generalizações, esta pesquisa visa compreender as múltiplas perspectivas que permeiam o tema, com base em reflexões fundamentadas na literatura especializada.

O levantamento teórico foi realizado por meio da consulta às bases de dados acadêmicas reconhecidas, como SciELO, Google Acadêmico, CAPES e periódicos da área de Educação. Foram utilizados como critérios de seleção a atualidade das publicações (preferencialmente dos últimos cinco anos), a relevância do conteúdo para os objetivos do estudo e a consistência teórica das obras. A análise dos textos selecionados foi conduzida com foco nas contribuições relacionadas às dificuldades de aprendizagem, ao papel da avaliação formativa e às implicações da pandemia no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu estabelecer um diálogo entre diferentes autores e correntes teóricas, possibilitando a construção de um referencial que fundamenta a discussão dos resultados apresentados. A utilização de fontes confiáveis e atualizadas garante a legitimidade da análise proposta, assegurando que as reflexões aqui desenvolvidas estejam ancoradas em estudos consistentes e reconhecidos no campo da Educação. Com isso, espera-se contribuir para o avanço das discussões sobre práticas pedagógicas e avaliativas que promovam uma aprendizagem mais equitativa, significativa e inclusiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação escolar é uma das etapas mais complexas do processo educativo, especialmente quando aplicada a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, fase marcada por profundas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse momento da trajetória escolar, espera-se que os estudantes tenham

consolidado habilidades fundamentais para a transição ao Ensino Médio, o que torna a avaliação uma ferramenta decisiva para identificar avanços e lacunas na aprendizagem. Segundo Luckesi (2019), a avaliação não deve assumir caráter meramente classificatório, mas sim ser compreendida como um processo contínuo, formativo e comprometido com o desenvolvimento integral do aluno.

Entre as facilidades observadas na avaliação dos estudantes do 9º ano, destaca-se a maior capacidade de argumentação, análise crítica e autonomia no cumprimento das tarefas escolares. Muitos estudantes, ao longo dos anos escolares, desenvolvem competências que facilitam a compreensão dos critérios de avaliação e a apropriação dos objetivos pedagógicos. De acordo com Perrenoud (2021), a avaliação formativa torna-se mais eficaz quando os estudantes compreendem os critérios utilizados e participam ativamente do processo de construção do conhecimento.

Outro fator facilitador é o maior domínio dos recursos tecnológicos por parte dos alunos, sobretudo após a experiência com o ensino remoto durante a pandemia. O uso de plataformas digitais, aplicativos educacionais e ferramentas colaborativas contribuiu para ampliar as formas de expressão dos estudantes e favorecer avaliações mais diversificadas. Para Moran (2020), a cultura digital ampliou o repertório avaliativo da escola, possibilitando maior engajamento e personalização do ensino, o que é especialmente importante em uma etapa de ensino que exige maior aprofundamento conceitual.

No entanto, também são numerosos os desafios enfrentados na avaliação dos estudantes do 9º ano, sobretudo no que se refere à heterogeneidade das turmas, à defasagem de aprendizagem acumulada e às fragilidades emocionais que afetam o rendimento escolar. A pandemia acentuou as desigualdades educacionais, revelando dificuldades estruturais que impactam diretamente o processo avaliativo. Conforme destaca Curi (2021), muitos alunos retornaram ao ensino presencial com significativas perdas cognitivas e socioemocionais, dificultando a aplicação de avaliações que pressuponham habilidades já consolidadas.

Observa-se um descompasso entre as exigências curriculares do 9º ano e o real nível de aprendizagem dos estudantes. Professores relatam dificuldades em avaliar de forma justa alunos que apresentam graves lacunas de conteúdos e habilidades, especialmente em Língua Portuguesa e Matemática. Segundo Oliveira (2022), a pressão por resultados e o foco em provas externas contribuem para uma prática avaliativa muitas vezes excludente e pouco sensível às necessidades individuais dos alunos.

Outro desafio recorrente é a resistência dos estudantes ao processo avaliativo, sobretudo quando este se apresenta de forma tradicional e punitiva. Muitos alunos associam a avaliação à punição ou à exposição de suas fragilidades, o que pode gerar ansiedade e baixa autoestima. De acordo com Antunes (2020), o excesso de provas e a falta de diálogo sobre os critérios de avaliação contribuem para o distanciamento dos alunos em relação à aprendizagem significativa e reflexiva.

Frente a esse cenário, torna-se urgente a ressignificação das práticas avaliativas adotadas no 9º ano, priorizando metodologias que promovam o protagonismo do estudante e a valorização de seus percursos

individuais. A avaliação por projetos, autoavaliações, portfólios e rubricas são estratégias que favorecem o acompanhamento mais humano e efetivo da aprendizagem. Para Hoffmann (2019), a avaliação deve ser uma aliada da aprendizagem, proporcionando ao estudante a oportunidade de refletir sobre seus erros e acertos, em um ambiente de escuta e valorização.

Avaliar de forma justa e significativa exige do docente constante atualização, sensibilidade pedagógica e compromisso com a equidade. Conforme afirma Zabalza (2021), a prática avaliativa deve estar articulada com o planejamento e a mediação didática, sendo um momento privilegiado de análise do processo educativo como um todo.

Também é necessário considerar as especificidades emocionais dos adolescentes do 9º ano, que vivenciam uma fase de intensas transformações hormonais e identitárias. Esses aspectos influenciam diretamente o comportamento em sala de aula e, conseqüentemente, o desempenho em avaliações. Segundo Wallon (2020), as dimensões afetiva e cognitiva não podem ser dissociadas no processo educativo, sendo essencial que a avaliação leve em conta o contexto emocional do estudante.

A escuta ativa do aluno torna-se, assim, um elemento essencial para uma avaliação mais dialógica e inclusiva. É por meio do diálogo que o professor pode compreender as dificuldades individuais e propor intervenções pedagógicas adequadas. Segundo Freire (2021), educar é, acima de tudo, um ato de comunicação, e a avaliação deve ser um espaço de escuta e de construção coletiva do conhecimento.

A documentação pedagógica também se apresenta como uma ferramenta importante na avaliação dos estudantes, permitindo o registro sistemático do percurso de aprendizagem e a análise crítica dos avanços e desafios. Essa prática favorece a tomada de decisões pedagógicas fundamentadas e a transparência no processo avaliativo. De acordo com Barbosa e Horn (2022), documentar a aprendizagem é reconhecer que o conhecimento se constrói em movimento, por meio de múltiplas experiências e interações.

Outro aspecto relevante é o uso de instrumentos avaliativos que contemplem as múltiplas inteligências e os diferentes estilos de aprendizagem. Alunos do 9º ano apresentam formas distintas de apreender o conhecimento, o que exige práticas avaliativas mais flexíveis e diversificadas. Gardner (2020) defende que a escola precisa valorizar as diversas formas de saber e criar ambientes em que todos os estudantes possam demonstrar o que sabem de maneiras diferentes.

A cultura avaliativa da escola também influencia diretamente os resultados dos alunos. Instituições que promovem uma avaliação mais democrática, contínua e formativa tendem a criar um ambiente mais favorável à aprendizagem e à participação dos estudantes. Segundo Fernandes (2021), a cultura avaliativa precisa ser repensada coletivamente, envolvendo toda a comunidade escolar na construção de uma visão mais humanizada e emancipadora da avaliação.

Em síntese, os dados analisados evidenciam que, embora existam facilidades importantes no processo de avaliação dos estudantes do 9º ano — como maior autonomia, domínio tecnológico e

argumentação crítica — os desafios ainda são expressivos. A defasagem de aprendizagem, as fragilidades emocionais, a rigidez dos instrumentos avaliativos e a desigualdade de oportunidades impactam negativamente o desempenho e o engajamento dos estudantes. Isso exige do corpo docente posturas mais empáticas, práticas mais inovadoras e políticas públicas que garantam o direito de aprender a todos os alunos.

Portanto, a avaliação escolar, sobretudo no 9º ano, precisa ultrapassar o viés quantitativo e classificatório, passando a ser compreendida como um processo pedagógico essencial para a aprendizagem significativa. A promoção de avaliações formativas, diversificadas e centradas no estudante pode contribuir para a superação das desigualdades educacionais e para o fortalecimento de trajetórias escolares bem-sucedidas. O desafio maior está em consolidar uma cultura de avaliação que seja justa, dialógica e promotora do desenvolvimento integral.

A necessidade de construir práticas avaliativas mais humanizadas e formativas também passa pelo envolvimento da gestão escolar no apoio ao corpo docente. Muitos professores do 9º ano enfrentam limitações institucionais para modificar suas práticas, seja pela sobrecarga de trabalho, pela pressão por resultados externos ou pela falta de formação continuada. De acordo com Alarcão (2021), promover uma avaliação mais significativa requer uma gestão pedagógica que incentive a inovação, o planejamento colaborativo e o protagonismo do professor como pesquisador da própria prática.

A formação docente, aliás, tem papel determinante na superação dos desafios avaliativos. Quando o professor compreende a avaliação como parte indissociável do processo de ensino, torna-se capaz de construir instrumentos mais coerentes com os objetivos de aprendizagem e com as necessidades da turma. Para Vasconcellos (2020), a prática avaliativa deve ser constantemente refletida e reelaborada à luz da realidade escolar e do perfil dos alunos, o que exige um educador crítico, sensível e preparado para lidar com a diversidade.

Muitos alunos do 9º ano possuem maturidade suficiente para refletir sobre os métodos utilizados e expressar suas percepções sobre o que os ajuda ou os prejudica a aprender. Nesse sentido, o feedback não deve ser apenas uma devolutiva do professor, mas uma via de mão dupla, em que o estudante também possa indicar caminhos para aprimorar sua própria aprendizagem. Segundo Esteban (2020), uma avaliação dialógica favorece a corresponsabilidade e o engajamento, fortalecendo a autonomia dos estudantes.

A implementação de práticas avaliativas interdisciplinares pode ser outro caminho eficaz para lidar com as dificuldades encontradas no 9º ano. Em vez de avaliar o conhecimento de forma fragmentada, por disciplina, propor desafios interdisciplinares permite que os alunos apliquem seus saberes de maneira contextualizada e significativa. Como aponta Hernández (2021), projetos interdisciplinares com base em problemas reais favorecem uma avaliação mais autêntica, centrada em competências e habilidades integradas.

Não se pode deixar de considerar que o ambiente familiar também exerce influência direta sobre o desempenho dos alunos nas avaliações. Fatores como apoio dos responsáveis, estabilidade emocional e rotina de estudos impactam na forma como os estudantes se engajam no processo avaliativo. Conforme Souza (2021), estudantes que contam com uma rede de apoio familiar apresentam mais condições de lidar com os desafios escolares, enquanto aqueles em situação de vulnerabilidade social tendem a carregar maiores dificuldades, especialmente no 9º ano, quando se intensificam as cobranças e expectativas escolares.

Dessa forma, é urgente que a avaliação no 9º ano seja compreendida em sua dimensão mais ampla e humanizada, considerando não apenas os aspectos cognitivos, mas também os fatores emocionais, sociais e culturais que permeiam a experiência escolar dos alunos. Para Libâneo (2020), uma prática avaliativa emancipadora deve contemplar o contexto do educando e buscar estratégias que promovam equidade, justiça e participação no processo educativo.

Muitos estudantes demonstram insegurança frente às avaliações por não compreenderem exatamente o que se espera deles. Isso evidencia a necessidade de maior transparência na construção dos instrumentos avaliativos. Segundo Luckesi (2019), é fundamental que os critérios estejam claros, sejam comunicados previamente e façam sentido para os alunos, contribuindo para uma postura mais ativa diante da própria aprendizagem.

Em relação às práticas avaliativas aplicadas na escola, é importante refletir sobre o excesso de avaliações somativas e a pouca valorização de atividades processuais. Quando a avaliação se resume a provas finais, o estudante tende a adotar uma postura mecanicista, voltada para a memorização de conteúdos, em detrimento da construção de significados. Conforme Meirieu (2021), a escola precisa repensar o tempo e os instrumentos de avaliação, favorecendo práticas contínuas, diversificadas e que deem visibilidade ao percurso do aluno, não apenas ao seu resultado final.

A reformulação do currículo do Ensino Fundamental, com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também tem gerado impactos na forma de avaliar os estudantes, exigindo que os professores reestruturem seus métodos à luz das competências e habilidades gerais previstas no documento. A BNCC propõe uma avaliação que ultrapasse a fragmentação dos conteúdos e esteja voltada para o desenvolvimento integral. De acordo com Brasil (2018), o processo avaliativo deve considerar as dimensões cognitivas, socioemocionais e práticas da aprendizagem, sendo parte integrante do trabalho pedagógico.

Nesse processo de transição e adaptação, muitos educadores ainda se mostram inseguros quanto às práticas avaliativas alinhadas à BNCC, especialmente nas etapas finais do Ensino Fundamental. É comum que as avaliações ainda reflitam uma lógica conteudista, dissociada das competências previstas. Para Costa (2022), é necessário que a formação continuada aprofunde o entendimento dos docentes sobre como planejar

e avaliar com base em competências, possibilitando maior coerência entre o currículo proposto e a prática efetiva em sala de aula.

Quando os alunos não se sentem capazes de alcançar os objetivos propostos, ou não compreendem o valor do que está sendo avaliado, tendem a se desengajar e a abandonar a escola. Conforme Dantas (2020), práticas avaliativas que fortalecem o vínculo do aluno com a escola, reconhecendo seus esforços e avanços, contribuem para sua permanência e sucesso escolar.

Portanto, repensar a avaliação no 9º ano é também repensar o projeto político-pedagógico da escola e sua função social. A avaliação não é um momento isolado, mas um elemento estruturante do processo de ensino e aprendizagem. Quando bem planejada e aplicada, ela pode ser um poderoso instrumento de transformação pedagógica, inclusão e equidade. Porém, quando mal utilizada, corre o risco de reforçar desigualdades e gerar exclusão.

Diante de tudo o que foi exposto, reafirma-se a importância de práticas avaliativas que respeitem a diversidade, que sejam coerentes com os objetivos educacionais e que se pautem em princípios éticos e formativos. A realidade dos estudantes do 9º ano exige atenção, escuta e compromisso com uma escola mais justa e democrática, onde todos tenham a oportunidade real de aprender e se desenvolver integralmente. A avaliação, nesse contexto, deve ser uma aliada da aprendizagem e da permanência escolar, e não um obstáculo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação escolar ocupa um lugar central na dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, especialmente no 9º ano do Ensino Fundamental, etapa marcada por importantes transições acadêmicas, cognitivas e emocionais. Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que a avaliação, quando utilizada com intencionalidade pedagógica, sensibilidade e comprometimento, contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, os dados analisados também revelaram que essa prática, muitas vezes, ainda se encontra pautada em modelos tradicionais, excludentes e pouco dialógicos, o que compromete seu papel formativo.

Entre as facilidades observadas nesse processo, destaca-se o amadurecimento cognitivo dos estudantes do 9º ano, que já apresentam maior autonomia, capacidade argumentativa e domínio das ferramentas digitais. Essas habilidades permitem que os alunos se envolvam de forma mais ativa nas atividades escolares e compreendam, com mais clareza, os critérios e objetivos das avaliações propostas. Além disso, a experiência vivenciada com o ensino remoto contribuiu para ampliar o repertório avaliativo tanto dos professores quanto dos alunos, favorecendo a diversificação das estratégias e a introdução de metodologias inovadoras.

Apesar desses avanços, diversos desafios persistem no contexto da avaliação dos alunos do 9º ano. A heterogeneidade das turmas, a defasagem de aprendizagem acumulada, as fragilidades emocionais e as limitações estruturais das escolas continuam dificultando o desenvolvimento de práticas avaliativas justas, inclusivas e eficazes. Soma-se a isso o descompasso entre as exigências curriculares e a realidade vivenciada pelos estudantes, que muitas vezes não possuem as condições necessárias para acompanhar o ritmo das cobranças impostas no fim dessa etapa da Educação Básica.

Também foi possível constatar que os modelos avaliativos ainda são fortemente influenciados por uma cultura tradicional, voltada à mensuração de resultados e à classificação de desempenho, em detrimento da compreensão do processo de aprendizagem. Essa perspectiva restrita da avaliação tende a gerar ansiedade, desmotivação e exclusão, especialmente entre os alunos que apresentam dificuldades ou não se adaptam aos formatos convencionais de provas. Por isso, é necessário construir uma nova visão de avaliação, que considere os aspectos sociais, emocionais e contextuais da aprendizagem.

A escuta ativa dos estudantes, o diálogo entre os sujeitos do processo educativo e o uso de instrumentos variados são estratégias fundamentais para tornar a avaliação mais significativa. Quando o aluno compreende o sentido do que está sendo avaliado e reconhece sua participação no processo, há um aumento do engajamento, da autoestima e da autonomia. Isso exige do professor uma postura reflexiva, flexível e comprometida com uma prática pedagógica que valorize os percursos individuais, respeitando os diferentes tempos e modos de aprender.

Outro aspecto relevante diz respeito à importância do trabalho coletivo dentro da escola. A avaliação não pode ser vista como responsabilidade exclusiva do professor de cada disciplina, mas deve ser discutida e planejada de forma integrada por toda a equipe pedagógica. O alinhamento entre os educadores em relação aos critérios, objetivos e instrumentos utilizados favorece uma maior coerência e equidade nas avaliações. Além disso, a participação da gestão escolar no apoio à formação docente e à construção de uma cultura avaliativa democrática é essencial para que mudanças significativas ocorram.

A experiência do 9º ano exige uma atenção especial, pois se trata de uma etapa de encerramento de ciclo e de preparação para novos desafios no Ensino Médio. Nesse sentido, a avaliação precisa estar articulada com os projetos de vida dos estudantes, contribuindo para a construção de trajetórias escolares positivas e significativas. Mais do que medir resultados, a avaliação deve orientar, acompanhar, encorajar e valorizar o esforço de cada estudante, reconhecendo seu potencial e suas conquistas ao longo do percurso escolar.

Cabe ressaltar que os avanços na avaliação escolar não dependem apenas da boa vontade dos professores ou da inovação de práticas individuais. É necessário que existam políticas públicas consistentes, investimentos em formação continuada, infraestrutura adequada e valorização do trabalho docente. Sem

essas condições estruturais, a escola corre o risco de continuar reproduzindo práticas avaliativas excludentes e distantes das reais necessidades dos estudantes.

Reafirma-se a importância de que a avaliação no 9º ano do Ensino Fundamental seja compreendida como um instrumento de transformação educativa. Trata-se de um recurso poderoso, capaz de promover aprendizagens significativas, fortalecer o vínculo dos alunos com a escola e contribuir para a superação das desigualdades. Para que isso se concretize, é fundamental que a avaliação seja pensada a partir da realidade dos estudantes, respeitando suas singularidades, acolhendo suas dificuldades e incentivando suas potencialidades.

O desafio que se impõe aos educadores e à escola como um todo é o de ressignificar o ato de avaliar, libertando-o de seu caráter punitivo e aproximando-o de uma prática pedagógica emancipadora. Avaliar deve ser, acima de tudo, um ato de cuidado, de compromisso com a aprendizagem e de esperança na capacidade de cada estudante crescer, aprender e transformar sua realidade. A educação, enquanto prática humanizadora, precisa de uma avaliação que esteja à sua altura — uma avaliação que olhe para o aluno como sujeito de direitos, de saberes e de possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2021.
- ANTUNES, Celso. Avaliação da aprendizagem: uma proposta para repensar a prática. São Paulo: Vozes, 2020.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Avaliação e documentação pedagógica na Educação Básica: desafios e possibilidades. Porto Alegre: Penso, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 06 ago. 2025.
- COSTA, Luciana Maria. Planejamento e avaliação por competências: desafios da prática pedagógica na BNCC. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 62, p. 153-170, 2022.
- CURI, Elisabeth. Educação pós-pandemia: desafios e possibilidades para a escola pública brasileira. Revista Brasileira de Educação, v. 26, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/>. Acesso em: 06 ago. 2025.
- DANTAS, Helena C. Avaliação escolar e permanência dos alunos: caminhos para a inclusão educativa. Revista Educação em Perspectiva, v. 11, n. 1, p. 90-104, 2020.
- ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliação e escuta: um diálogo necessário para a aprendizagem. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 20, n. 1, p. 75-91, 2020.
- FERNANDES, Cleuza Repulho. Cultura avaliativa e gestão democrática da aprendizagem. In: PERRENOUD, Philippe et al. Avaliação: da excelência à equidade. Porto Alegre: Artmed, 2021. p. 47-61.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- GARDNER, Howard. As inteligências múltiplas na prática educacional. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, aprendizagem e avaliação em projetos interdisciplinares. Porto Alegre: Penso, 2021.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. 22. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática e prática de ensino: por uma didática crítica. 29. ed. São Paulo: Cortez, 2020.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2019.
- MEIRIEU, Philippe. Ensinar: fazer aprender. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, n. 63, p. 15-23, 2020.

OLIVEIRA, Maria da Penha Sanches de. Avaliação escolar: repensando práticas e significados. Campinas: Papirus, 2022.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à equidade. Porto Alegre: Artmed, 2021.

SOUSA, Sandra A. de. Vulnerabilidade social e desempenho escolar: o papel da família no processo de aprendizagem. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 21, n. 70, p. 211-226, 2021.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação: concepção dialógica-formativa da aprendizagem. 17. ed. São Paulo: Libertad, 2020.

WALLON, Henri. As origens do caráter na criança. Petrópolis: Vozes, 2020.

ZABALZA, Miguel Ángel. A prática reflexiva no ensino: profissionalismo e inovação na ação docente. Porto Alegre: Artmed, 2021.